

O ARENITO LAPA, SUBGRUPO ITARARÉ (NEOPALEOZÓICO), BACIA DO PARANÁ, BRASIL: UM POSSÍVEL DEPÓSITO DE VALE-TÚNEL?

JOSÉ ROBERTO CANUTO

DPE/IGc-USP

ANTÔNIO CARLOS ROCHA-CAMPOS

DPE/IGc-USP

PAULO ROBERTO DOS SANTOS

DPE/IGc-USP

PAULO EDUARDO SOLAK SATO

Aluno do curso de graduação/IGc-USP

O Arenito Lapa forma uma crista linear, quase contínua, suavemente sinuosa que se estende por cerca de 180 km (Canuto *et al.*, 1996, 1997), com uma direção geral NNW-SSE; ocorre desde a sul de Rio Negrinho (SC) até ao norte de Palmeira (PR), com largura máxima de 2 km, e se eleva até 80 m acima da topografia encaixante. Contatos relativamente íngremes, erosivos, ao longo dos lados da crista, sugerem um assoalho original mais profundo. O perfil do vale é irregular ao longo de seu eixo e transversalmente, e seu contato basal é erosivo, sobre rochas mais antigas do Subgrupo Itararé.

A crista mostra várias associações de litofacies, exibindo o preenchimento exumado de um vale-túnel subglacial, escavado em sedimentos do Subgrupo Itararé, até cerca de 2 m acima de seu contato basal, com a Formação Furnas (D), através de amplo pavimento estriado, em sua extremidade setentrional, indicando a escavação do vale em rochas cada vez mais antigas de S para N, embora suas relações de idade com o Subgrupo Itararé não sejam, ainda, inteiramente claras.

As principais associações de facies são arenitos finos a médios fluvio-deltáicos e marinhos intercalados, retrabalhados, conglomerados subsidiários, e diamictitos de fluxo (depósitos glaciogênicos supraglaciais), que recobrem, em contato erosivo, conglomerados, arenitos e diamictitos intercalados, dobrados e falhados. Próximo a Porto Amazonas (PR), arenitos finos a médios, turbidíticos, fluidificados, ou de fluxos de grãos, e diamictitos de fluxos de detritos, associados ao Arenito Lapa, sugerem um cenário marinho mais profundo.

O Arenito Lapa, em sua parte setentrional, a norte de Lapa, até o Parque de Vila Velha (PR), é desmembrado em cristas menores, alongadas, que se fundem, ao menos em parte, cobrindo o Arenito Vila Velha. Ambos são geneticamente relacionados, segundo o modelo deposicional de Canuto *et al.*, (1996, 1997), que envolve a formação de um caminho de drenagem subglacial ou um vale-túnel sob o lobo glacial Paraná, através de erosão por água confinada de degelo, e abrasão glacial, iniciada por "piping" junto à margem da geleira. Os sedimentos erodidos foram transportados e depositados em um extenso leque ou delta (Arenito Vila Velha), em frente à margem marinha do lobo. Durante a atenuação do fluxo, depósitos de contato de gelo tipo esker formaram-se no túnel, os quais, em pelo menos dois locais, próximo a Palmeira e a Porto Amazonas, cobrem pavimento estriado intraformacional, que pode representar o assoalho do canal, evidenciando abrasão glacial em sua escavação.

O recuo da margem glacial e a subsequente elevação do nível do mar, expuseram a topografia cortada subglacialmente, seu preenchimento sedimentar, e o retrabalhamento dos mesmos. Uma transgressão pós-glacial resultou na penetração profunda do mar rumo ao sul, no vale, e na deposição de lama marinha no topo do Arenito Lapa. Esses processos terminaram com a recorrência de estratificação cruzada fluvial sobre as camadas marinhas.

(Apoio FAPESP, Processo nº 91/0546-2.)

ARCABOUÇO CRONOESTRATIGRÁFICO DO GRUPO GUATÁ (EOPERMIANO) NA FAIXA SUBAFJORANTE DO LESTE DO PARANÁ

JOEL C. DE CASTRO
UNESP- Campus de Rio Claro

A análise seqüencial de poços testemunhados e perfilados pela CPRM ao longo da faixa subafjorante paranaense possibilita estabelecer um arcabouço cronoestratigráfico para o Grupo Guatá (Eopermiano) e suas unidades limítrofes, representadas pela Formação Taciba do Grupo Itararé, abaixo, e pelo Membro Taquaral da Formação Itati, acima. O Grupo Guatá é composto pelas formações Rio Bonito e Palermo, a primeira subdividida nos membros Triunfo (arenoso, basal), Paraguaçu (siltico-argiloso e carbonático), e Siderópolis (arenoso, topo).

Ao se analisar a *Formação Taciba* por meio de poços profundos perfurados pela PETROBRÁS ao longo da faixa investigada, quatro ciclos podem ser identificados. Destaca-se o ciclo mais superior, composto de depósitos marinhos e deltaicos e que sucede à última importante fase de sedimentação glacial. Neste ciclo são caracterizados dois intervalos cronoestratigráficos, I e IA. O intervalo basal I é formado, na porção sul da área, por uma sucessão R-T-R (regressivo- transgressivo-regressivo), contendo arenito marinho ou flúvio-deltaico na base, folhelho marinho *offshore* no meio, e interlaminado arenito-folhelho *shoreface* no topo. Na porção central do leste paranaense, o intervalo I é dominado por depósitos deltaicos, progressivamente mais rasos e delgados para norte. O intervalo I já não ocorre na porção norte da área. Localmente, no extremo sul paranaense, desenvolve-se um intervalo mais novo, IA, formado por duas sucessões deltaicas e um nível marinho interposto, e apresentando no topo um depósito tabular (10m de espessura) de diamictito glaciomarinho.

Quatro intervalos cronoestratigráficos, II a V, são reconhecidos no *Membro Triunfo*, geralmente representando ciclos R-T (regressivo-transgressivos). Depósitos flúvio-deltaicos caracterizam cada fase regressiva, enquanto tempestitos marinhos dominam as fases transgressivas; observa-se também condições progressivamente mais marinhas em direção ao topo da unidade. Os intervalos II a V, bem definidos ao sul, são tentativamente levados para a área central; um corpo de diamictito, semelhante ao do intervalo IA, ocorre localmente no topo do intervalo III. O progressivo acunhamento observado no *Membro Triunfo* culmina com o seu desaparecimento no norte da área, exceto por delgadas e localizadas ocorrências próximo à faixa de